
Licenciatura em Educação Física

Élio Rocio Franco Rizzi

O status científico das PCAs na Educação Física



Rio Claro
2009

Élio Rocio Franco Rizzi

O status científico das PCAs na Educação Física

Orientador: Leila Marrach Basto de Albuquerque

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciatura em Educação Física

Rio Claro
2009

796 Rizzi, Élio Rocio Franco
R627s O status científico das PCAs na Educação Física / Élio
 Rocio Franco Rizzi. - Rio Claro : [s.n.], 2009
 34 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Leila Marrach Basto de Albuquerque

1. Educação física. 2. Epistemologia. 3. Práticas corporais alternativa. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

SUMÁRIO

1. Introdução.....	01
2. Universo de Pesquisa e Metodologia.....	02
3. Revisão de Literatura.....	03
3.1 A Ciência.....	03
3.2 A Educação Física.....	08
3.3 O Universo Alternativo.....	11
3.4 As práticas paralelas.....	14
4. Análise dos textos.....	17
5. Considerações Finais.....	20
6. Referências.....	22

1. Introdução

A ciência se encontra hoje em diversos conflitos, assim como a sociedade na qual ela está inserida. Esses conflitos vão desde os gerados por ela mesma, que freqüentemente admite o seu conhecimento como sendo o único realmente válido e imutável, como o limite para o seu alcance, ou qual teoria se enquadra melhor para descrever o processo analisado. Mas está em conflito também com a sociedade porque esta começou a questionar sua intenção e até onde nós queremos que ela invada nossa vida modificando estruturas como família, ética, moral, os limites do corpo humano, e tudo isso de uma forma que ainda não sabemos e aumentando alguns problemas já vivenciados por nós como discriminação, desigualdades, violência, dentre outros.

Sem contar que as promessas de que toda a humanidade se beneficiaria com suas conquistas também não foi cumprida, já que grande parte da população está à margem desse processo.

E quando a ciência se depara com o limite de suas explicações, aqueles que anseiam por respostas vão procurar em outros lugares, afinal, o conhecimento humano não se restringe somente a Ciência, ainda bem, para muitos ele também pode ser encontrado nos conhecimentos ditos alternativos. O nome “alternativo” é justamente por não ser o convencional, que hoje é científico, mas que antes o conhecimento alternativo era, muitas vezes, o vigente.

O que acontece, é que a ciência também pôs os olhos nesses conhecimentos, por diversas razões que ainda iremos discutir, e agora ou tenta desmascará-los ou absorvê-los. E para acompanhar melhor esse processo, iremos focar nossa discussão em um campo mais específico, que é o da Educação Física.

Disciplina essa que, nosso ver, apresenta peculiaridades que a tornam extremamente instigantes para esse tipo de discussão, por possuir um dos mais complexos objeto de estudo que é o corpo humano e suas múltiplas formas de se olhar sobre ele.

2. Metodologia e Universo de Pesquisa

O universo de pesquisa selecionado foi a revista Motriz, periódico científico trimestral, publicado pelo Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências, da Unesp – Rio Claro. Tendo como foco de análise todo e qualquer parecer com menção as PCAs, que é o objeto de nosso interesse nessa pesquisa.

Essa seleção foi feita a partir do conceito de *corpus* (BAUER, 2002), que é uma alternativa para se obter uma amostra com intencionalidade de pesquisa, e não uma amostragem estatística aleatória:

“Os lingüistas e os pesquisadores qualitativos enfrentam o “paradoxo do corpus teórico”. Eles começam a estudar as variedades nos temas, opiniões, atitudes, estereótipos, cosmovisões, comportamentos e práticas da vida social. Contudo, como essas variedades são ainda desconhecidas, e por isso também não se sabe sua distribuição, os pesquisadores não podem conseguir uma amostra de acordo com um racional de representatividade.”(BAUER,2002)

Portanto, essa pesquisa tem um viés predominantemente qualitativo, não buscando uma representatividade quantitativa, contudo, relataremos alguns números sobre esses artigos, mais com o intuito de situar o tema numa perspectiva geral do que fundamentá-lo estatisticamente. Nesse viés qualitativo, observaremos como está ocorrendo essa comunicação do universo das PCAs com o método científico, caracterizado na Revista Motriz.

3. Revisão de Literatura

3.1 A Ciência

Nem sempre é fácil defrontarmos com as coisas que já estão consolidadas em nossa sociedade há muito tempo, mas se aceitarmos tudo o que a sociedade e a história nos impõem, sem um olhar crítico, estaremos concordando com o presente. Para isso, é preciso se preparar bastante, pois quem rema contra a corrente, faz mais força. Ademais de uma instituição tão forte como a ciência, que tem seus pilares bem firmes. Sua consolidação foi construída através da história, e hoje pode ser encontrada em quase tudo aquilo que permeia a sociedade.

Para muitos a ciência se encontra em seu máximo desenvolvimento, suas descobertas estão se tornando cada vez mais promissoras, e com certeza esse é o caminho para prosseguirmos na formação do conhecimento humano. Para outros, ela se encontra em crise, defrontando-se com ela mesma e com a sociedade. E para alguns, ela nunca teve o status reivindicado de única detentora da verdade.

A primeira vista, o parágrafo acima pode nos parecer simples (o que não deixa de ser), mas pode nos revelar algo muito comum em nossa cultura e, portanto, muito difícil de ser identificado, sendo considerado como “natural”, que é a divisão por grupos. Ao lê-lo, muito provavelmente, o leitor já assumiu uma das opiniões que mais lhe agradam (por qualquer razão, motivo, sentimento, fé, trauma, afinidade... etc. que o tenha levado a isso) conduzindo-o a argüir em favor dessa opinião em detrimento as outras. Nada mais comum na formação de uma opinião, porém, não tenho a intenção de ser comum.

E se considerarmos que os três pontos de vista expressos no primeiro parágrafo podem estar, até certo ponto, corretos? A idéia aqui é extrair o que consideramos apropriado de cada uma das opiniões, formando assim, um outro ponto de vista, que junta as três perspectivas.

O primeiro ponto de vista levantado, de que a ciência está no auge, talvez seja o mais fácil de demonstrar e o mais claro de perceber uma vez que esse é o conhecimento predominante em nossa sociedade, e por isso serei mais breve em seus argumentos. Os exemplos disso estão em todas as propagandas, onde exaltamos nosso desenvolvimento tecnológico, biológico, matemático, médico, entre outros, a todo instante. Dentre eles podemos citar os super-mini-ultra-rápidos computadores, o desvelamento do DNA, algoritmos cada vez mais sofisticados, e a cura de inúmeras doenças e deficiências do ser humano.

O que acarreta no segundo ponto de vista. Mesmo concordando com o argumento do avanço científico, e sendo o mínimo crítico possível, ainda temos que nos perguntar o que será feito com esse conhecimento, ou não, isso não cabe ao cientista? Parece-me muita alienação não tomar conhecimento do produto do seu trabalho no final da esteira. É claro que esse aparente controle total da situação não está em nossas mãos, mas a sua intenção com certeza está; Concordando com esse argumento, vejamos o que Oppenheimer diz sobre a bomba atômica retirado de Shattuck (1998):

Apesar da visão e clarividência de nossos estadistas na época da guerra, os físicos sentiram uma responsabilidade peculiarmente íntima por sugerir, apoiar e, enfim, em grande parte conseguir desenvolver as armas atômicas. [...]. Falando cruamente, de um modo que nenhuma vulgaridade, nenhuma hipérbole é capaz de suprimir, os físicos conheceram o pecado; e esse é o conhecimento que eles não podem esquecer.

Outro esclarecimento a respeito dessa desresponsabilização do indivíduo cientista pode ser encontrada em Albuquerque (2003):

Em outras palavras, a dimensão da subjetiva não encontra amparo no mundo científico. Essa relação vai resultar um corte em relação à cultura em geral, marcando os processos legítimos de conhecer diante de outras formas de saber. Evidencia-se, pois, o privilegiamento da epistemologia como reguladora da cultura. Em outras palavras, a pretendida ascensão do sujeito epistêmico perante as particularidades e transitoriedades faz com que a ciência opere uma ruptura em relação à cultura mais ampla e se veja fora da história.

Portanto, apesar da força epistêmica da ciência construir um sujeito fora da história, seus atos refletiram o contrário e ele não pode esquecer os pecados que já cometeu. Contudo, a ciência não se renovou, ela continua com sua epistemologia tradicional tentando se manter como reguladora da cultura, mas tem se mostrado cada vez ineficaz para tal tarefa.

Mesmo porque, a promessa da ciência de levar o conhecimento a todos, promessa antiga que vem desde o Iluminismo, não aconteceu. O servo daquela época, que passou a ser o proletariado e que hoje são os excluídos da sociedade, os que estavam excluídos dos privilégios que a humanidade produzia continuam à margem desse processo e continuam sem saber da existência de Darwin, fazendo da ciência um privilégio para poucos, apesar de terem participado apoiando essas diversas mudanças. Mas enganam-se aqueles que acham que essas pessoas são desprovidas de conhecimento, discussão que retomaremos adiante.

Não obstante, o avanço científico ainda trouxe consigo outras conseqüências, como uma intervenção desenfreada na natureza acarretando em graves problemas ambientais, dos quais ela se mostrou incapaz de resolver. Essa incapacidade está ligada a uma outra questão de seu progresso: sua hiper-especialização. Essa hiper-especialização, ligada ao segundo preceito cartesiano de dividir para conhecer, chegou ao seu extremo de tal forma que muitas vezes esse conhecimento se desprende da realidade e fica suspenso, sem saber onde se encaixar. Um exemplo disso pode ser encontrado nos problemas ambientais, pois o meio ambiente é um todo, da harmonia de uma complexa rede de interações, onde intervenções pontuais podem gerar um desequilíbrio que nós ainda nem suspeitamos, quicá mensurá-los.

Todavia, nem sempre nos foi dada a possibilidade de refletir criticamente a cerca da dimensão social do conhecimento que estamos elaborando, pois como afirma Fourez (1995, p.170) “Não se considerava que a ciência como tal pudesse ser estudada pela sociologia, mas admitia-se que, *em torno da ciência*, toda uma série de fenômenos podia ser considerada, seja pela *sociologia*, seja pela *psicologia*. [...] Contudo, não se estudava a prática científica como tal, mas o *meio* em que se produzia.”

Um dos pensadores que vai contribuir para crítica mais contundente é o filósofo Thomas S. Kuhn, com seu livro “A estrutura das revoluções científicas”, e o conceito de Paradigma, concatenando o conhecimento científico a uma historicidade, tornando-o em

objeto de estudo da sociologia e a partir de então as estruturas do conhecimento científico não pararam de sofrer revoluções.

O que nos impele ao terceiro argumento do início de nossa discussão. A história normal da ciência é escrita somente pelos grandes descobridores, onde todo o processo é descartado, ficando somente o nome o nome do cientista e sua descoberta em evidência. Mas um outro filósofo, até mais contundente do que Kuhn, vai trazer um outro olhar para a ciência. Em seu livro “*Contra o Método*”, Paul Feyerabend vai ao âmago da racionalidade científica, e de sua história, para explicar quais artifícios, além da racionalidade, a ciência se utiliza para se estabelecer como conhecimento hegemônico.

Em sua discussão sobre os procedimentos da ciência, ele nos leva a refletir de como a ciência foi sendo construída, deixando, muitas vezes, a razão de lado, desde a época de Copérnico, até a abordagens mais contemporâneas, onde afirma: “a palavra “ciência” talvez seja uma única palavra – mas não há uma entidade única que corresponda a essa palavra” (FEYERABEND, 2003, pg319). E da mesma forma que Galileu utilizou-se da anamnese para empregar seus argumentos (FEYERABEND, 2003, p. 111), podemos fazer uma analogia com a ciência contemporânea para sua manutenção, trazendo do passado somente os fatos que foram úteis para a manutenção da hegemonia da racionalidade do método científico.

Acredito que é mais contundente eu descrever aqui as passagens que abrem e fecham seu livro, com seu próprio resumo, por ser bem mais sucinto e claro do que eu poderia ser:

“Introdução:

A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais apto a estimular o progresso do que suas alternativas que apregoam lei e ordem.

1. Isto é demonstrado tanto por um exame de episódios históricos quanto por uma análise abstrata da relação entre idéia e ação. O único princípio que não inibe o progresso é: tudo vale.

19. A ciência não é nem uma tradição isolada nem a melhor tradição que há, exceto para aqueles que se acostumaram

com sua presença, seus benefícios e suas desvantagens. Em uma democracia, deveria ser separada do estado exatamente como as Igrejas ora estão dele separadas.

20. O ponto de vista implícito neste livro não é o resultado de uma bem-planejada cadeia de pensamentos, mas de argumentos instigados por encontros acidentais. Indignação diante da destruição desenfreada de conquistas culturais das quais poderíamos todos ter aprendido, diante da ousadia presunçosa com que alguns intelectuais interferem na vida das pessoas, e desdém pelas frases traiçoeiras que usam para embelezar suas iniquidades foram, e ainda são, a força motivadora de meu trabalho.” (FEYERABEND, 2003)

Destarte, após considerar todos esses argumentos, que são bastante divergentes entre si, nos vemos em uma encruzilhada, pois esses argumentos podem parecer excludentes um dos outros. Mas na tentativa de formar uma nova opinião, como pretendido no começo deste tema, encontramos algo para fazer essa conexão. Não tenho a presunção de achar a solução para a crise científica aqui descrita, o nosso intuito é o de engendrar um elo que permeie essas opiniões. E foi então que descobrimos um novo universo: o Alternativo, e mais especificamente, o das Práticas Corporais Alternativa, podendo então, como é de nosso interesse, focalizar a disciplina do conhecimento que nos cabe, que é a Educação Física. O que faz necessário uma breve dissertação sobre esses dois temas.

3.2 A Educação Física

A associação que muitas vezes se faz entre a Educação Física e aspectos militares não acontece por acaso. Sua história no Brasil está em vários momentos entrelaçada com a caserna. A criação da Escola Militar, em 1810, ainda na época do Brasil colonial, com o nome de Academia Real Militar, que em 1860, já nos tempos do Império, traz a Ginástica Alemã para essa mesma escola, demonstra a origem de um método de ginástica para um fim exclusivamente bélico.

No período do Brasil República, na cidade de São Paulo, em 1906, tinha cerca de 300 mil habitantes e começava a surgir alguns problemas de ordem pública. E a Força Pública (atual polícia militar) era despreparada, visto que qualquer um se tornava um policial sem passar por treinamento algum. Então, nesse mesmo ano, chega ao Brasil a primeira missão francesa de instrução militar, com a incumbência de remodelar a Força Pública de São Paulo. Criando assim, em 1910, a Escola de Educação Física, a pioneira no Brasil.

A escolha do Método Francês decorre da necessidade de encontrar uma escola mais moderna, que correspondesse aos anseios da época, (que pleiteava por um modelo mais científico, com bases na fisiologia e anatomia), provenientes da escola de Joinville-le-Pont.

É interessante observar que “mais científico” para época era algo mais determinista e positivista, sem deixar de ser higienista, eugênico e disciplinador, que também eram características do antigo método.

A missão francesa retorna em 1914. Com o término da Primeira Guerra Mundial, o Brasil continua a optar pelo método francês, que se consolida em 1920 com a Segunda Missão Militar Francesa. Desta vez não somente para orientar a Força Pública, bem como a renovação do Exército brasileiro (Netto, 2003).

O método francês também foi utilizado como método “pedagógico” nas escolas, com forte influência até os anos 50, onde a prática sistemática de exercícios por meio de

modelos com movimentos pré-definidos começa a ser substituída pela prática de atividade esportiva, modelo proveniente da Inglaterra onde os trabalhadores, para manter sua produtividade e conseqüentemente um certo grau de aptidão física, realizavam os exercícios ao ar livre.

Com o início do regime militar em 1964, o Estado que tinha o lema positivista “ordem e progresso” muda para “segurança e desenvolvimento”, em que o objetivo é acelerar o progresso, mas manter a continuidade sócio-econômica. Neste momento histórico, a Educação Física será tomada como um instrumento de manutenção do sistema que estava entrando em vigência, com uma contundente presença tecnicista. Esse caráter se expressa no Decreto nº69.450/71, em seu artigo 1º, refere-se a ela como sendo “... **atividade** que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando (constituindo-se em) um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da Educação Nacional...” O termo **atividade** tem sua definição expressa formalmente no Parecer n.º 853 de 12 de dezembro de 1971, do Conselho Federal de Educação, ganhando a conotação de um *fazer prático não significativo de uma reflexão teórica* (Castellani, 1988).

Essa era a visão que o Estado tinha sobre a Educação Física e, com esse parecer, a desqualificava-a como ciência, sendo que o seu conhecimento se dava apenas através do fazer pelo fazer, sem reflexão. Mas como o Estado estava se apropriando da imagem e da força do esporte, no que diz respeito a sua capacidade de catarse, de atrair em torno de si, os anseios, esperanças e frustrações dos brasileiros (CASTELLANI, 1988), a Educação Física foi acoplada às ciências biológicas para tentar corresponder às expectativas de aprimoramento da performance esportiva, para continuar a fazer sua propaganda ufanista.

É importante situar historicamente estes acontecimentos pois, embora a ciência, nesta época, ainda fosse vista como neutra, neste âmbito as ações governamentais sempre foram decisivas e norteadoras. Foi quando o MEC em 1969/1970 identificou a falta de pesquisa científica na área (neste período, a instrumentalização da Educação Física pelo esporte, podia fazer confundir uma com a outra) e tomou várias iniciativas para reverter essa situação: envio de grande número de professores para cursar pós-graduação no exterior; convênios e intercâmbios de pesquisa no exterior; implantação de laboratórios de pesquisa, principalmente de fisiologia do esforço e

cineantropometria; entre outros. E esse fomento a pesquisa tinha como objetivo garantir a eficiência do sistema esportivo (e a EF a ele atrelado) (BRACHT, 1993).

No início dos anos 80, com o começo do processo de abertura política, houve um afrouxamento da tendência esportivista e, conseqüentemente, uma maior possibilidade de ampliação das áreas de conhecimento voltadas para o “corpo em movimento”. O que se observou foi à procura por especializações em outras “sub-áreas” dentro da EF, incluindo o crescimento das “sub-áreas” pedagógica e sociocultural, estas sob influência das ciências humanas.

Nos anos 90 essa tendência se manteve. Porém, pode-se notar uma resistência, dentro da disciplina EF, que não daria o crédito, ou o reconhecimento, que os estudos nas “sub-áreas” sociais e humanas deveriam ter. Essa discussão gerou uma crise na identidade do conhecimento que a EF estava produzindo. Para obter algumas respostas começaram alguns estudos mais críticos direcionados a epistemologia da área.

Devido às singularidades encontradas, a procura por essas respostas gerou ainda mais dúvidas, como: que tipo de conhecimento estamos produzindo? Se a EF é ciência, qual o nosso objeto de estudo? Existe realmente uma matriz de conhecimento próprio da EF ou ela se apropria de outras ciências? É uma disciplina essencialmente aplicada ou teórica? Como identificar seus limites? E essas questões estão abertas até hoje (BRACHT, 1993).

E como se já não bastassem essas dúvidas, a EF começa a absorver um conhecimento diferente, gerando mais um desafio para a área, que são as práticas alternativas, que podem fazer parte de seus estudos. Ficando, então, mais uma questão: sob que olhar a EF enfoca, ou irá focar sobre as PCAs?

3.3 O Universo Alternativo

As Práticas Corporais Alternativas (PCA), assim como qualquer fenômeno social, não surgem desassociadas de outras realizações humanas, ela é decorrente da história, da religião, da tradição, da cultura, e até mesmo da *contracultura*, como veremos a seguir.

É impossível determinar um ponto histórico a respeito do início daquilo que hoje nós chamamos de alternativo, pois em um dado momento histórico esse conhecimento, dentro de sua cultura, já foi hegemônico, ou ele provém de uma tradição muito antiga, ou ele é resultado de hibridismo cultural que dificulta sua localização temporal. O termo alternativo é usado descuidadamente a tudo o que não é científico, de forma bem generalizada, o que muitas vezes atrapalha seu estudo, e gerando muitas vezes um pré-conceito muito depreciativo (relato por experiência própria) de quem está acostumado ao normal. Para tanto, iremos fazer um recorte, pouco pretensioso, de algumas nuances de como o rótulo “cultura alternativa” se deu no mundo ocidental.

Na década de 40, com a expansão do desenvolvimento ocidental, apoiado na tecnicidade, racionalidade, cientificismo, dualismo e do individualismo, com laços estreitos com o liberalismo empresarial, culminando em normas bastante estáticas e objetivas para o comportamento da sociedade americana. É quando surge um movimento de vanguarda artístico com uma proposta crítica a essas características, calcados na espontaneidade (ALBUQUERQUE, 2008).

Seguindo esta trilha, esse movimento artístico busca uma proposta mais humanista e encontra as teorias holísticas para se fundamentar, e os encontra dentro dos trabalhos de John Dewey, Alfred North Whitehead e Carl Gustav Jung, com inspirações nas filosofias orientais (ALBUQUERQUE, 2008). Posteriormente, os *hippies* dos anos 60 vão se apropriar dessa influência e lhe dar uma nova roupagem, com o rock-and-roll, saraus e o uso de substâncias que os levassem a um estado alterado de consciência como o LSD, o THC, entre outras. A internalização máxima desses princípios leva a formação de comunidades alternativas, dentro da sociedade ocidental capitalista, com

modos de vida que tentavam expressar essa nova forma de ver o mundo, que posteriormente foi denominada de *contracultura*.

Ainda sobre a *contracultura*, vejamos o que Albuquerque (2003) escreve sobre a abordagem do universo científico:

“No conjunto de temas, ganha destaque a crítica à ciência, a seu superdimensionamento como tecnologia e como regime de especialistas. Fundada na objetividade científica, que dispensa qualquer consideração pessoal, a tecnocracia transformou o homem e a natureza em objetos de manipulação de técnicos. Ao lado disso, as atrocidades da Guerra do Vietnã e os custos humanos e ambientais, devido aos abusos da tecnologia científica, revelam as fraturas do projeto civilizador da ciência. Valores como a vida comunitária, o pacifismo, as viagens e a exploração de modos de consciência não intelectualizada são defendidos pelos genericamente chamados de *hippies* – estes então jovens, floridos e cabeludos –, como um escudo contra o imperativo da tecnocracia do pós-guerra, enraizada na visão de mundo científica.”

Esse intenso movimento da época não desapareceu simplesmente, e seus protagonistas viraram “caretas” executivos e tudo voltou ao normal. O movimento da *contracultura* é assinalado por Albuquerque (2001) como o berço para os movimentos sociais expressivos, como o ambientalismo, os movimentos feministas, pacifistas, religiosos e cívicos. Contudo, há de se ressaltar que conforme esses movimentos foram se especializando, eles acabaram também se burocratizando, profissionalizando e muitos deles acabaram sendo cooptados pelo capitalismo, que sob as bandeiras desses movimentos agrega valor a seus produtos ou então os mascarar.

Todavia, os movimentos do pós-guerra deixaram muito de sua *contracultura* de herança, em nossa cultura, muitos valores dos quais ainda estamos tentando decifrar, sendo as PCA um deles. Tendo ainda alguns resquícios da cultura alternativa, onde religiosidade é o fator predominante desses movimentos.

Como a raiz da cultura alternativa não tinha nem sequer uma racionalidade definida, o que se dirá regras rígidas de comportamento, o conhecimento alternativo sofreu uma miscelânea, onde se misturam religiosidades orientais com ocidentais, com

esoterismo, com mitos, com fábulas, com senso-comum, ou seja, com todo o universo que existe fora da ciência (você pode até não concordar com ele, mas que ele existe, existe). E esse movimento está numa perpétua mudança, pela interação existente nele. Aqui adotaremos o conceito de hibridismo (ALBUQUERQUE, 2001) que sintetiza melhor essas características. Mas existe algo em comum entre eles, existem características comuns, claro que não institucionais, mas por dentro de toda a heterogeneidade da cultura alternativa, alguns observadores estão identificando algumas singularidades.

Soares (1994) consegue definir muito bem duas delas: a energia e o trabalho. “Energia é a moeda cultural do mundo alternativo, que prepara o terreno simbólico para o desenvolvimento de uma linguagem comum, independente das diversidades. Sua centralidade contribui também para o estabelecimento de uma vasta rede de vasos comunicantes entre os diversos submundos alternativos e os espaços axiológicos mais convencionais (SOARES, 1994)”. Já sobre a palavra trabalho ele afirma: “Mais do que uma palavra, trata-se de uma categoria e, provavelmente, tão importante quanto “energia”, [...], tem por referencia a ação humana, governada pela vontade individual”, e ainda, “Trabalho designa o empenho espiritual – mais ou menos associado ao cuidado direto do corpo -, realizado segundo disciplinas mais ou menos ritualizadas (SOARES, 1994).”

Essas observações foram feitas através de um viés religioso, mas como as fronteiras da cultura alternativa são muito difusas, e sua plasticidade infinita, não fica difícil transplantá-la para as PCA. Outro reflexo encontrado nas PCA são as chamadas medicinas alternativas, ou medicinas paralelas, outro polêmico ramo alternativo.

3.4 As práticas paralelas

Assim como as PCA, as medicinas paralelas estão em busca de uma legitimidade. Por serem consideradas paralelas ou alternativas ao crivo científico, muitas vezes essas práticas se encontram até mesmo na ilegalidade, já que a ciência demarcou bem seu território na sociedade moderna. Mas uma coisa é certa, sua legitimidade perante a população se encontra num crescente, como visto em diversos estudos sobre o tema (SOARES, 1994; LAPLANTINE e RABEYRON, 1989; CAROZZI, 1999), Laplantine e Rabeyron (1989) constataram que um em cada quatro franceses já recorreu alguma vez às medicinas paralelas.

Portanto, essa legitimidade social já existe e foi dada pela sua aceitação social. O que as práticas paralelas estão procurando é um respaldo dentro do campo científico. Um recorte observado desse movimento, onde as praticas alternativas buscam as ciências para elevar seu *status* social e ciências para suprirem seu saturamento é a *acupuntura*.

A acupuntura é uma prática tradicional chinesa de mais de dois mil anos de conhecimento acumulado sobre o ser humano. Seu conhecimento foi passado através dos tempos da forma mais arcaica possível: de mestre para discípulo. Esse processo pode levar muitos anos e vai agregando conhecimento de geração para geração. Porém, em nosso mundo ocidental, se um chinês, que carrega toda essa experiência consigo, chegar ao Brasil e tentar aplicar seu conhecimento de acupuntura ele não pode, pois a acupuntura se tornou uma prática médica. Ou seja, o médico que faz um curso de acupuntura de verão tem o conhecimento necessário para aplicar essa prática, e o chinês que, cuja origem desenvolveu a prática, sem contar a experiência acumulada, a visão holística que é intrínseca na cultura do desenvolvimento da acupuntura, não pode exercê-la, correndo o risco de se passar por pedante.

O mesmo processo pode ocorrer com as PCA, onde a regulamentação da profissão da Educação Física pode atribuir o ensinamento dessa prática somente ao portador do diploma do referido curso. Está claro que isto ocorre por um protecionismo

mercadológico, onde o conhecimento ou a razão estão em segundo plano nessa discussão política. O que começa a levantar algumas questões: como que a ciência vai desagregar essas práticas de todos os valores nela incrustados? Será que a partir de uma ação mecânica das PCA, ou das medicinas paralelas, serão obtidos os mesmos resultados? Ou será que a ciência está traduzindo temas holísticos para termos como *qualidade de vida*, *stress*, *particularidades individuais*, e depreciando os temas alternativos e simplificando tudo em uma expressão: poder simbólico, ou efeito placebo (LAPLANTINE, RABEYRON, 1989). Bom, se todos os resultados obtidos dentro da medicina paralela forem atribuídos a esse “efeito placebo”, ele deve se tornar o mais novo ramo da medicina moderna, pois funciona melhor do que aspirina! Ainda sobre este tema, retiramos uma passagem de Laplantine e Rabeyron (1989):

“A nosso ver, não existe postura científica isenta de crença. Acreditar em apenas um determinismo biológico, como o fazia Claude Bernard, ainda é acreditar. Nem mais, nem menos, pois certamente não se pode quantificar a crença, nem qualificá-la. Mas, para tal, ainda se faz necessário ter consciência daquilo em que se acredita.”

Mas para não deixar a lacuna de fazer com que este trabalho pareça uma defesa irrestrita do universo alternativo, o qual não é intenção desse trabalho, para isso traremos novamente Laplantine e Rabeyron (1989):

“No outro extremo, ao considerar-se apenas como operante a eficácia simbólica, ignora-se, ao contrário, aquilo que, na realidade, não está sob o controle do simbólico: destino biológico, no tocante ao paciente; eficácia própria dos medicamentos e técnicas empregadas, no tocante ao clínico.

Esse risco de dupla ignorância ronda ininterruptamente todos os que se põem a discorrer sobre tratamentos e, particularmente em nossa cultura, tratamentos médicos. O crítico ignora a eficácia biológica das técnicas paralelas e, reduzindo-a a uma eficácia apenas simbólica, e o defensor cego facilmente ignora a dimensão simbólica por reduzir a eficácia a sua técnica.”

Em suma, nossa intenção é a de preservação dos espaços de outras alternativas de conhecimento, antes que o poder do *status quo* invada, desencante e esterilize-os. Para isso, faremos o estudo do estatuto científico dos trabalhos sobre as PCA na revista Motriz.

4. Análise dos textos

Foram analisadas todas as edições da Revista Motriz, desde 1995, ano de seu primeiro exemplar, até o número 3 de seu 15º volume, do corrente ano. Neste período, foram encontrados 17 textos com referência aos alternativos, sendo desses 10 artigos, 2 resumos de teses, 1 ponto de vista, 3 resumos de artigos, e 1 relato de experiência.

De todos os textos analisados, nenhum deles se pautou nas ciências naturais para fundamentar seus argumentos, o olhar posto sobre eles sempre foi o das ciências humanas (sociológico, antropológico, histórico, filosófico, etc.), não havendo a intenção de uma comprovação fisiológica da atuação das PCAs. Contrariando as expectativas, uma vez que as ciências naturais possuem um status privilegiado em nossa sociedade, podendo assim dar uma legitimidade maior para as PCAs, no universo científico.

Talvez a Educação Física, devido ao histórico anteriormente apresentado, tenha uma sensibilidade maior para entender essa busca por legitimação e não queira submeter às PCAs ao reducionismo biológico, como ocorreu com a EF nas décadas de 70 e 80. Outra observação a respeito dessa predominância das ciências humanas é o fato da complexidade do objeto de estudo (PCAs), onde as ciências naturais não têm espaço para analisar suas principais características: religiosidade, holismo, imaterialidade, espiritualismo, etc.

Apesar de não ser o foco de análise de nenhum dos artigos, e de não haver nenhuma citação direta, fica subentendido que os benefícios das PCAs estão comprovados fisiologicamente, muitas vezes disfarçados sob outros rótulos como: “*a atividade física* decorrente dessa prática...” ou “*a qualidade de vida* que as PCAs proporcionam...”.

Outra predominância encontrada foi a de textos qualitativos em detrimento aos quantitativos, apenas 1 texto se baseou predominantemente em dados quantitativos, e outros 3 também fizeram uso de alguma coleta estatística em sua pesquisa. O restante foi basicamente de revisão de literatura. Isso pode ser decorrência das ciências humanas,

que regeram os trabalhos publicados. E também, novamente, a complexidade das PCAs, pode tornar os instrumentos estatísticos imprecisos na análise. A mensuração não é, necessariamente, uma preocupação das PCAs, onde a qualidade tem primazia sobre a quantidade, devido a suas características.

Os textos apresentaram outra peculiaridade comum, a de pesquisa de base. Dos 17 textos, somente um teve uma preocupação de aplicabilidade de sua pesquisa, onde o restante se preocupou mais em descrever as PCAs e fundamentá-las em textos de base científico-filosóficos de uma aplicabilidade (prática) já existente, não tendo a intenção de interferência na realidade. Neste caso, entrando em acordo com a expectativa da pesquisa, uma vez que a pesquisa de base detém um respaldo maior para a legitimação de um determinado conhecimento.

Ainda sobre esse aspecto, nessa tentativa “leitura” do universo alternativo é que se encontra uma tentativa de “tradução” dos termos do universo alternativos para o universo científico, e a fusão desses termos pode ser observada: o desequilíbrio energético se torna uma baixa imunológica; as regiões do corpo têm nomes próprios da anatomia (músculo esquelético, glândulas, nervos) e nomes das PCAs (*chakras, pontos de energia, e relação com a natureza*).

De um modo geral, os textos seguem uma “sintonia” em seus discursos em relação às perspectivas e particularidades do universo alternativo. Eles seguem a mesma matriz histórica, também apresentada em nosso trabalho, constata a crise científica, apontam o alternativo como possibilidade de um novo paradigma de conhecimento, autores em comum em suas bibliografias (Albuquerque L.M.B., Russo J., Soares L.E.), além das características acima citadas.

Essa mesma sintonia não é percebida no que tange ao tema religioso. O aspecto religioso é intrínseco ao universo alternativo, e por isso acreditamos que ele tem que ser considerado em todas as práticas alternativas, mas não é o que ocorre em alguns dos textos analisados. Seis dos 17 textos simplesmente não relacionam o aspecto religioso com a prática estudada, é como se o deixassem de lado para que posteriormente fosse atrelado a seus estudos. E ainda teve um que racionaliza o religioso de forma a reduzi-lo a simbolismos e mecanismos psicológicos, do qual trataremos mais detalhadamente a seguir.

O texto de Leila Amaral (1999) usa como exemplo uma prática específica para discorrer seu raciocínio e posteriormente faz algumas generalizações. Esse texto destoa dos demais por não ter a mesma “sintonia” descrita acima, ele traz um viés racional explicando toda a *performance* do Qi-netics de Lydia Wong. Fortemente calcada na psicologia, esse texto vai traduzir o que os integrantes dessa prática diriam ser uma experiência espiritual em fatores psicológicos com medo, frustração, sofrimento:

“É o sofrimento, causado pelo medo, que deve ser vencido e enfrentado como condição da transformação desejada (isto é, a cura, no sentido e “integração terapêutica”), através de exercícios que promovam as potencialidades de cada participante e sua capacidade de comunicação ampliada e de dádiva aos outros.[...]. É a garantia, portanto, desde o início da “vivências”, da transformação requerida.” (AMARAL, 1999)

E no parágrafo seguinte complementa o raciocínio traduzindo o religioso da “vivência”:

“Em primeiro lugar, eu diria que é essa certeza, a fé no poder da “comunicação em expansão”, metaforicamente vivida nessas “vivências” como o poder do amor, que lhes confere um caráter religioso ou espiritual.” (AMARAL, 1999).

E ainda quanto às generalizações ela comenta: “O ponto alto da grande maioria dos *workshops* de cura...”. Onde tudo é alcançado graças ao estado emocional gerado na prática do Qi-netics, do poder do simbolismo, ou até mesmo pela força mecânica do tambor que provoca efeitos corporais no ser humano.

5. Considerações Finais

Assim, constatamos, apesar das nuances, que o dialogo entre as PCAs, e consequentemente todo o universo alternativo, e as ciências está ocorrendo. Dentro desse pequeno *corpus* observado, esse diálogo parece bastante saudável e promissor na atual conjuntura, uma vez que há um certo respeito mútuo, onde as diferenças são reconhecidas, pelos dois lados, mas a primeira vista não ocorre um julgamento maniqueísta, ou excludente, numa tentativa de superar alguns preconceitos na busca de algo novo.

Ora, se na sociedade esses dois universos co-existem, não será a ciência (principalmente as enraizadas no positivismo) que irá retirar as práticas alternativas de nossa cultura, na tentativa de fazer com que esse conhecimento seja esquecido, acusando de pedantismo, charlatanismo e outros adjetivos que o desqualificasse, como no passado pareceu tentar fazer, quando o conhecimento científico se via imponente e intocável. E que agora recorre ao universo alternativo para suprir suas falhas.

Esse otimismo (da associação ciência & alternativos), dentro da Educação Física, pode ser associado ao seu objeto de estudo, o corpo em movimento, onde o universo alternativo, ou seja, as práticas corporais alternativas, vêm de encontro com algumas questões que emergiram da crise de identidade da EF (BRACHT, 1997) nas últimas décadas. Onde a perspectiva de um novo conhecimento, que supere as dualidades há muito estudado pela EF (corpo e mente, teórico e prático, natureza e cultura) dentro das propostas holísticas do conhecimento oriental, expressos nos conhecimentos ditos alternativos.

Portanto, nos textos analisados, o crivo científico da EF parece ser mais brando, mesmo por que qual ciência a EF utilizaria para contestar as práticas alternativas?

Se levarmos em conta os pensamentos de Feyerabend (2003) de que:

“A idéia de um método que contenha princípios firmes, imutáveis e absolutamente obrigatórios para conduzir os negócios da ciência depara com considerável dificuldade quando confrontada com os resultados da pesquisa histórica. Descobrimos, então, que não há uma única regra, que não seja violada em algum momento.”

E acrescentarmos o trabalho de Ivo (2009), onde a autora identifica que mesmo dentro do universo científico (mais especificamente na SBPC) “a área (EF) de fato aborda muitas temáticas, sendo alguns deles mais relativos às ciências humanas e outras às ciências biológicas.” Podemos lançar uma outra questão: será que essa característica da EF de indefinição de uma identidade não pode gerar as condições necessárias para a produção de um conhecimento não limitado pelo status quo?

6. Referencias

ALBUQUERQUE, L.M.B. de. **Ciência, ciências. As representações na Educação Física.** Revista Motriz. Vol. 4, n. 8 / Dez. 1998.

ALBUQUERQUE, L. M. B. As invenções do corpo: Modernidade e Contramodernidade. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP. Rio Claro, vol.7 , nº1, 2001.

ALBUQUERQUE, L. M. B. **Sujeito e Realidade da Ciência Moderna**, São Paulo: Editora Annablume, 2003.

ALBUQUERQUE, L. M. B. Novos movimentos religiosos: modos de ser. In: _____. BAPTISTA P. A. N. (Org.) **O sagrado e o urbano: diversidades, manifestações e análise.** São Paulo: Paulinas, 2008.

AMARAL, L. “O divertimento e a dor”: como é possível curar o corpo, recuperando o espírito, na Nova Era. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP.** Rio Claro, vol. 5, nº2, 1999.

BAUER

BRACHT, V. **Educação física/ciências do esporte: que ciência é essa?** Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Maringá, v.14, n.3, p.III-8, maio, 1993.

BRACHT, V. A epistemologia da educação Física

CAROZZI, M. J. (Org.). **A nova era do Mercosul.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTELLANI, L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

FOUREZ, G. Perspectivas sócio-históricas sobre a ciência moderna. In: _____. **A construção das ciências.** São Paulo: EDUNESP, 1995.

FOUREZ, G. Ciências fundamentais e ciências aplicadas. In: _____. **Op. cit.**

FOUREZ, G. Como articular ciência e ética? In: _____. **Op. cit.**

LAPLANTINE, F. RABEYRON, P. **Medicinas Paralelas.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIBEIRO, R. J. Novas fronteiras entre natureza e cultura. In: NOVAES, A. (Org.) **O homem máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

RUSSO, J. **O corpo contra a palavra:** as terapias corporais no campo Psicológico dos anos 80. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SOARES, L. E. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: ____SOARES, L. E. **O rigor da indisciplina.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SHATTUCK, R. A explosão do conhecimento: ciência e tecnologia. In____. **Conhecimento proibido:** de Prometeu à pornografia. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

NETTO, A. V. **O que é bom para a França é bom para o Brasil:** O método francês e a Educação Física brasileira, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

Orientadora: Leila Marrach Basto de Albuquerque

Autor: Élio Rocio Franco Rizzi